

Triunfo da narrativa-monstro nas manifestações populares da cidade de Vitória (Espírito Santo/Brasil)

Fábio Gomes Goveia
Universidade Federal do Espírito Santo - Brasil
fabioqv@gmail.com

Resumen: *Esta comunicación investiga las narrativas múltiples en la internet de las manifestaciones ocurridas en Vitória, capital de Espírito Santo (Brasil) en junio de 2011. Nosotros lo llamamos narrativa-monstruo la forma de contar la historia a través de los sitios de redes sociales. Utilizamos el concepto de multitud acuñado por Hardt y Negri como una forma de pensar sobre la sociedad contemporánea y sus transformaciones. Todavía unido al tradicionalismo y las grandes narrativas para contar sus historias, las red de comunicaciones locales se vio afectada durante las manifestaciones en favor de la mejora del transporte público en la región.*

Palabras clave: *multitud, las protestas, las redes sociales, la sociedad contemporánea*

Abstract: *This communication explores the multiple narratives in the internet of protest occurred in Vitória capital of Espírito Santo (Brazil) in June 2011. We have identified a way to tell the story through the social media: monster-narrative. We use the concept of multitude coined by Hardt and Negri as a way of thinking about contemporary society and the transformations. Still stuck in the traditional and grand narratives to tell their stories, local journalism was hit during protests in favor of improving public transport in the region.*

Keywords: *multitude, protests, social media, contemporary society*

1. Da rocha à areia movediça

A missão de jornalistas sempre inspirou confiança. Isso a ponto de nacer uma categoria profissional que se intitula guardiã da democracia e dos preceitos de humanidade mundo afora. O que funciona muito bem nas letras dos códigos de contuta ou nos manuais de redação de empresas jornalísticas muda radicalmente quando o mundo real abre suas portas para que repórteres usem suas penas, canetas, máquina de escrever, mouses, teclados etc e narrem os acontecimentos.

Se há poucos anos esse trabalho era uma das únicas – talvez aquela com mais credibilidade – formas de transmissão de fatos que ocorriam muito distantes do leitor, na atualidade podemos dizer que o jornalismo está em crise justamente por que a primazia de seu discurso entrou em derrocada. A multiplicidade de olhares midiáticos que povoam cada rua das cidades transformou o antigo jornalismo em mais uma fonte de informações, não mais a única.

A imprensa tradicional fincou suas bases numa sociedade em que havia uma divisão muito clara entre aquele que fala e o que ouve. A hierarquia era o fio condutor deste processo comunicacional, que pode ser resumido no esquema UM-TODOS. O detentor do poder de fala tinha o direito de apresentar sua versão dos fatos, sem que o receptor pudesse intervir de modo crucial. Estudos de recepção de muitas vertentes sempre foram reticentes acerca deste poder soberano do emissor, contudo não se pode negar que esse mecanismo fora funcional durante o período em que os meios de comunicação de massa se apresentavam como hegemônicos. A capacidade de interferência do receptor sempre foi muito mais no âmbito binário do SIM-NÃO. A concordância ou não com uma mensagem não pode ser pensada como uma capacidade produtiva *per si*. O que diferencia produtor de receptor é a possibilidade de intervir no mecanismo, adequa-lo ao seu uso. Assim, o esquema que predomina na estrutura comunicacional de massa é a dinâmica em que um sujeito – detentor dos meios – fala para muitos – alijados de meios. Esses muitos, por sua vez, podem ou não acatar a ordem, fechando o ciclo. A simplicidade desta análise da comunicação deixa margem para refutações. E sabemos disso, pois como bem afirmou Flusser (2002) uma das formas de a liberdade é jogar contra o aparelho. Justamente por haver uma resistência interna inerente ao próprio ato de recepção sempre houve hiatos por onde o paradigma foi minado. Mas não se pode negar que essa reação dos espectadores era sempre limitada e periférica. Em raríssimas exceções conseguia intervir no nível decisório de poder da estrutura comunicacional.

Um dos motivos que explicam esta limitada ação dos receptores é que a possibilidade de produzir informação estava associada ao poder econômico. A propriedade das empresas de comunicação funcionava como um filtro para a produção e circulação de informação. O ciclo comunicacional de massa partia sempre de um aparato econômico que não era acessível para qualquer pessoa. Esse esquema foi durante muito tempo o principal paradigma do campo da comunicação. É claro que não temos a pretensão de dar conta de toda a história das teorias da comunicações nestas poucas linhas. O que buscamos aqui foi apenas uma introdução que mostra a solidez que acomodava os meios de comunicação de massa, seja analisando do ângulo que for.

Mas, a partir do momento em que o poder econômico deixa de ser uma barreira intransponível para a produção de informação, a base do modo hegemônico de fazer comunicação estava em xeque. Os novos equipamentos de audiovisual com alta qualidade e preços acessíveis, somados a uma internet que permite o compartilhamento de informação a um custo muito baixo, e a redes sociais que espalham notícias como um rastro de pólvora, criaram um modo inovador de contar histórias e criar narrativas. Se o jornalismo tradicional pode ser entendido como paradigma da estrutura econômica dos meios de comunicação de massa, a narrativa-monstro pode ser colocada como paradigma deste novo modelo de produzir comunicação. Entender a transformação por que passa o campo comunicacional nos últimos anos é o primeiro passo para desvendar o atual momento.

2. A multidão ou o povo nas ruas?

Em sintonia com as manifestações que surgiram ao redor do mundo em 2011¹, houve também na cidade de Vitória² um movimento reivindicatório. Este levou para as ruas estudantes, aposentados, funcionários públicos, e todo tipo de protestante, parando a cidade durante dois dias. Para além de ser uma manifestação em prol de passe livre no transporte público para estudantes, o que mais marcou o protesto do dia 2 de junho foi uma dura repressão policial, que culminou com grande enfrentamento nas ruas durante o dia e dezenas de pessoas presas à noite. Cerca de 50 estudantes fecharam a principal avenida da cidade por algumas horas pela manhã, a polícia interveio, houve confronto. A pista foi liberada e os estudantes se reagruparam diante dos portões da Universidade Federal do Espírito Santo. Os que fecharam a avenida eram poucos, mas a repressão das autoridades foi muito intensa, causando grande revolta naqueles que não estavam participando do protesto. Depois de liberarem a rua novamente, os manifestantes rumaram para a Terceira Ponte, principal ligação de Vitória com a cidade de Vila Velha. A polícia cercou os poucos que ainda protestavam e novamente com violência realizou prisões, agrediu pessoas e dissipou a movimentação.

Até este ponto pouca novidade, apesar da desproporcionalidade de força na atitude da polícia. Mas os embates foram acompanhados por inúmeras câmeras, inclusive as dos meios de comunicação de massa. E foi justamente neste ponto que a multiplicidade de narrativas começou a devorar a hegemonia do jornalismo tradicional. Ao longo do dia 2, as redes sociais passaram a divulgar imagens dos acontecimentos, a relatar histórias e a montar uma grande resposta para o dia seguinte. A mobilização foi tanta que a hashtag #protestoemvitoria figurou entre as mais mencionadas no Twitter. As histórias, curtas em função das limitações tecnológicas, eram suficientes para ampliar ainda mais o movimento.

Ainda na noite de 2 de junho foi convocada, via redes sociais na internet, uma nova manifestação para protestar contra os excessos da força policial. O dia 3 prometia ser

¹ O exemplo mais marcante é a chamada Primavera Árabe, onda de manifestações e protestos que ocorre no Oriente Médio e no norte da África desde dezembro de 2010. As revoltas têm como principais motivações as más condições de vida da população e a falta de perspectivas para a juventude.

² Pequena cidade do sudeste brasileiro, capital do estado do Espírito Santo. Para saber mais: www.vitoria.es.gov.br

de grande movimentação. Enquanto nas redes o tema era abordado de modo múltiplo e recheado de histórias, o jornalismo tradicional da cidade optou por uma posição oficialista, rotulando as manifestações de “baderna” (imagens 1, 2 e 3) e praticamente desconsiderando a atitude truculenta da polícia. O poder estava usando a mídia tradicional para conter o movimento que, naquela altura, questionava o próprio governo do Estado. Mas o tiro saiu pela culatra e ao fim do dia mais de 5 mil pessoas tomaram as ruas, a polícia bateu em retirada, e os manifestantes alcançaram a Terceira Ponte, completando o percurso que havia sido evitado na noite anterior. Diante da repercussão negativa de seu posicionamento, as principais redes de comunicação tiveram que recuar, passaram a cobrar do Estado punição para os excessos policiais e colocaram em debate a questão da mobilidade urbana em Vitória, tema que apareceu na pauta de reivindicações do movimento.



Imagem 1: Primeira página do jornal A Gazeta. 03/06/2011



Imagem 2: Primeira página do jornal A Tribuna. 03/06/2011



Imagem 3: Primeira página do jornal Notícia Agora. 03/06/2011

O relato resumido do ocorrido é apenas ilustrativo e serve de contextualização para o leitor. O que importa verdadeiramente é o pano de fundo desse evento. Como uma manifestação de pequenas proporções, organizado sem uma liderança e sem apoio das mídias tradicionais, constituído basicamente de estudantes secundaristas, conseguiu mobilizar toda a cidade para o tema do transporte público? Ou como afirma Malini (2011) em bom texto sobre o evento:

Num mundo em que a circulação é a condição da própria produtividade social, cujo valor se mede na quantidade de trabalho imaterial inscrita nas mercadorias, não é difícil prever que o “direito de ir e vir” se torna um dos campos de maior ocupação pelas novas lutas sociais (queremos um aeroporto novo ou queremos passe livre, bradamos!). E é dentro desse desejo de circulação livre (ou pela cidade, ou tendo acesso à internet),

que muitos movimentos brotam. E com uma particularidade que assusta a ortodoxia liberal ou a marxista: como pode um movimento ser feito sem partidos e sindicatos?³

O movimento que tomou conta de Vitória se assemelha aos outros que brotaram pelos quatro cantos do globo. E ainda que tenha objetivos diferentes, também está no rol das manifestações sem líder. Ou melhor, com muitos líderes. Na Primavera Árabe, por exemplo, a luta é contra ditadores-tiranos que massacram seus governados há décadas, mas também é uma luta por emprego, por dignidade, por direitos humanos, por cidadania. Cada demanda com sua leva de pessoas prontas a protestar. Assim também foram os protestantes que ocuparam o centro financeiro dos Estados Unidos, numa ação intitulada #OccupyWallStreet. Em New York o objetivo era chamar a atenção para a desigualdade social, a ganância do sistema financeiro global. Várias demandas e nenhum líder. Novamente a multiplicidade é a principal marca.

A peculiaridade destes movimentos, portanto, é a profusão de causas e a dificuldade de eleger um líder. Isso faz com que as manifestações contemporâneas se diferenciem de outras de tempos atrás, quando havia sempre uma causa principal. O que se evidencia, por fim, é a crise do sistema representativo em todas as suas dimensões. Seja no âmbito da política tradicional (é cada vez menor a credibilidade dos políticos em todas as partes do mundo) seja nos movimentos populares. Há um claro deslocamento conceitual que Hardt & Negri (2005) identificam como passagem de massa para multidão. Não há mais um porto seguro para o qual todos devem navegar. O que existe agora são multiplicidades em pequena ou grandes dimensões, mas sempre com particularidades. Ao contrário do clássico período do século XIX ao XX, quando o lema era “Trabalhores do mundo inteiro, uni-vos”, agora é justamente o contrário que ocorre. Há dispersão dos nichos e das demandas num movimento em que se insere também o capitalismo, que sai da fábrica e ocupa outros espaços. O tempo de produção não é apenas aquele em que passamos dentro das fábricas, mas é justamente o horário fora do expediente que se tornou *locus* privilegiado da produtividade contemporânea.

As formas tradicionais de trabalho, como o trabalho fabril e mais ainda o trabalho artesanal, representavam emprego estável e uma série de capacitações que permitiam aos trabalhadores desenvolverem-se e sentirem orgulho de uma carreira coerente pela vida inteira, com uma vinculação social duradoura centrada em seus empregos. A passagem do fordismo para o pós-fordismo na situação do trabalho, com a ascensão do trabalho no setor de serviços e dos tipos 'flexíveis', 'móveis' e instáveis de emprego, destruiu essas formas tradicionais de trabalho, juntamente com as formas de vida que geravam (Hardt & Negri, 2005: 249)

As novas configurações sociais lançam instabilidade desde os campos mais sólidos, como as esferas produtivas industriais, aos mais voláteis, como o da comunicação. Para os autores supra citados, passamos de um regime em que os corpos sociais modernos eram claramente distintos para uma instância em que é a “monstruosidade da carne” que ocupa os espaços sociais. Não mais a hierarquia e a organicidade, mas a pluralidade rizomática sem um ponto mais importante que outro. Não mais o povo, mas a multidão. E talvez seja pela dificuldade em entender esse novo modo de organização social “pós-moderno” que as instituições tradicionais (estado, igreja,

³ <http://fabiomalini.com/artigos/o-protestoemvitoria-e-a-politica-do-comum/>

partidos políticos, escola, universidade...) acabam olhando para essa multidão como algo ameaçador, monstruoso.

A multidão desafia a representação política e estética porque é uma multiplicidade indefinida, incomensurável, incompatível com os 'racionalismo teleológicos e transcendentais da modernidade'. Em termos políticos, e possivelmente estéticos, o conceito de povo – corpo social representado de forma transcendente – seria perado pelo conceito de multidão – cooperação social expressa de forma imanente (Szaniecki, 2007: 110).

3. O monstro e a imprensa

A fragmentação das demandas sociais, a conexão planetária via internet, a queda de custos de equipamentos de captura de audiovisual, a falta de perspectiva para uma juventude qualificada e com acesso a informação e tecnologia. É com estes ingredientes que ganha vida o monstro que devorou o jornalismo tradicional capixaba nas manifestações de junho de 2011. O esquema UM-TODOS na mídia já não dá conta, uma vez que o modelo moderno das grandes narrativas está em xeque. O modelo a ser discutido a partir de agora é o TODOS-TODOS. Numa sociedade em que praticamente qualquer pessoa é mídia, como o jornalismo convencional pode tomar para si a autoridade de uma única versão dos fatos? É por isso que o monstro de carne viva que ocupa as ruas não pode ser enquadrado.

O monstruoso é justamente aquilo que tem a capacidade de destruir a ordem natural das coisas, de propor o novo e de abalar a autoridade em todas as instâncias. A potência de criação está exatamente neste método de indeterminação, que marca de modo decisivo as manifestações que ocorrem diariamente em diferentes partes do mundo. Ou como bem disseram Hardt & Negri (2005): “Hoje Frankenstein é da família”. Os questionamentos publicados na imprensa tradicional⁴ sobre a ausência de liderança nos protestos em Vitória colocavam de maneira definitiva a limitação das autoridades para lidar com o monstro. Se o indefinido é o que define a multidão, como se faz para dialogar com o monstro? A aparente paradoxalidade da pergunta esconde de fato a sua solução: é preciso mudar o mecanismo com o qual o Estado enxerga a multidão. Sem isso ele jamais poderá vê-la.

Nesta situação, portanto, o discurso dos seres vivos deve tornar-se uma teoria de sua construção e das possibilidades futuras que os aguardam. Imersos nessa realidade instável, defrontados com a crescente artificialidade da biosfera e a institucionalização do social, devemos esperar que monstros estejam surgindo a qualquer momento. 'Monstrum prodigium', como dizia Agostinho de Hipona, monstros milagrosos. Só que hoje a maravilha manifesta-se toda vez que reconhecemos que os velhos padrões de medida já não se aplicam, toda vez que velhos corpos sociais se decompõem e que seus restos fertilizam a nova produção da carne social. (...) Os monstros estão avançando, e o método científico precisa tratar deles (Hardt & Negri, 2005: 255-6).

Mas pelo que se vê em cada protesto, ainda estamos longe de desenvolver formas apropriadas de entender essa carne social. Quando o Estado precisa enfrentar os

4

http://gazetaonline.globo.com/ conteudo/2011/06/a_gazeta/minuto_a_minuto/868198-um-dia-de-protesto-em-vitoria-paralisa-regiao-metropolitana.html

monstros nas ruas, usa métodos tradicionais: cacetetes, bombas, balas de borracha, gás lacrimogêneo, gás de pimenta ou outras formas ainda mais violentas. Esta incapacidade de lidar com a monstruosidade da multidão foi exibida de maneira clara em várias ações do Batalhão de Missões Especiais (a força policial de elite da polícia local) em Vitória. Para os meios de comunicação tradicionais, contudo, o uso da força foi empregado apenas para “manter a ordem”; para recolocar a cidade em seu curso natural; para evitar que o caos urbano e os problemas de mobilidade na cidade apareça. Assim, o discurso legitimou as agressões.

Entretanto, a reação do monstro foi avassaladora. Possuidores de poder midiático, já que estavam armados com centenas de câmeras, os manifestantes assumiram o protagonismo na construção das narrativas do acontecimento. Enquanto os editores burilavam seus textos e decupavam suas imagens para entregar aos leitores, milhares de mensagens e imagens no Twitter, no Facebook, no YouTube, no Flickr, no Orkut, em blogs e sites pessoais, criavam uma multiplicidade de histórias que desmontavam a postura oficial dos meios de comunicação hegemônicos. Para organizar e criar memória dos protestos, um grupo criou um site chamado “Fica, vai ter bomba”, em alusão às bombas de gás lançadas pela polícia (imagem 4). No site podem ser encontrados desde paródias dos comunicados oficiais divulgados pelas autoridades locais até vídeos convocando para novas mobilizações.



A monstruosidade da multidão e a incapacidade que os corpos sociais tradicionais têm em lidar com ela podem ser ilustradas no impedimento imposto pelos manifestantes à principal rede de comunicação local, que não conseguiu transmitir ao vivo. Sempre que a transmissão iria começar, pessoas ficavam mostrando cartazes, pulando, gritando palavras de ordem. Isso ocorreu a ponto de a emissora cancelar a participação do repórter no telejornal. Os protestantes festejaram a retirada da equipe do local. Ora, qualquer manifestação que pretenda ser conhecida pela população busca na grande mídia um parceiro. Pois percebe-se que cada vez menos haverá a necessidade que os veículos de comunicação de massa estejam em sintonia com os protestos (imagem5).



Imagem 5: #protestoemvitória. Autor: RafaellMagalhães. Acessível em <http://www.flickr.com/photos/rafaellmagalhaes/5801261211/#/>. Consultado em 27/01/2012.

Por fim, a narrativa-monstro construída pelos milhares de homens e mulheres no protesto em Vitória atingiu seriamente a hegemonia dos grupos de comunicação locais. A autonomia para criar uma multiplicidade de versões do acontecimento reforça a tese de que a “mídia somos nós” (Gillmor, 2005).

4. Conclusões temporárias

As formas produzidas pela multidão nas redes sociais e tecnológicas como a internet estão intimamente relacionadas às formas de trabalho do capitalismo cognitivo. São expressões da força-trabalho imaterial que produzem de modo cooperativo, apropriando-se efetivamente dos instrumentos de trabalho e dos dispositivos que a informática e a internet oferecem. (...) A expressão da potência democrática da multidão pode ser efetivamente encontrada na internet (Szaniecki, 2007: 114-5).

A narrativa-monstro que usa a internet para minar o poder da narrativa-midiática é uma das formas de percebermos a multidão. Como deixamos claro, há vários níveis dessa mobilização social contemporânea e não temos a pretensão de esgotá-las nestas poucas linhas. Mas cabe aqui uma última consideração, no sentido de reconhecer o esforço que as grandes redes de comunicação estão empregando para caminhar neste terreno tão movediço.

Em Vitória, depois da repercussão negativa alcançada pela abordagem oficialista dos jornais tradicionais após o primeiro dia de protesto, várias notas foram reduzindo o tom de crítica exclusiva aos estudantes e abrindo espaço para questionar também a postura das autoridades. Não que tenha havido uma consistente busca por punição aos policiais que abusaram de poder, mas o poder midiático local sentiu o golpe. Já em relação ao #protestoemvitória, a mobilização continua. Enquanto escrevo este texto, novas manifestações ocorrem na cidade, que passou a conviver com seus monstros cada vez mais despertos. Há um bom infográfico (imagem 6) circulando nas redes sociais que mostra a dimensão desta multidão de Vitória. Esta análise trata dos protestos mais recentes, realizados no dia 11 de janeiro de 2012.



Imagem 6: #vixparada. Infográfico disponível em <http://www.brunodesouza.com/infografico-protesto-contrao-aumento-da-tarifa-do-transporte-publico-nas-midias-sociais>. Consultado em 27/01/2012.

E finalmente, cabe ressaltar que a narrativa-monstro devorou a mídia convencional se analisamos o resultado do principal prêmio do jornalismo local. Em várias categorias, os vencedores foram profissionais que mostraram os confrontos do dia 2 de junho de 2011⁵. Se num primeiro momento a abordagem da imprensa colocou a presença da multidão como simples ato de baderna, a própria avaliação da categoria foi de que as manifestações de junho apareceram como evento político e social mais importante do ano. Assim como a Times que elegeu o “Manifestante” como personalidade do ano, Vitória reconheceu o triunfo da narrativa-monstro sobre a mídia convencional.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLUSSER, Vilém (2002): “Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia”. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.

GILLMOR, Dan (2005): “Nós, os media”. Lisboa, Editorial Presença.

HARDT, Michael & NEGRI, Antonio (2005): “Multidão: guerra e democracia na era do império”. Rio de Janeiro, Record.

SZANIECKI, Barbara (2007): “Estética da Multidão”. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

⁵ Veja a listagem completa dos premiados em <http://www.premiocapixabajornalismo.com.br/resultados.html>